

A Gênese



Allan Kardec

PARTE I – A Gênese segundo o Espiritismo
CAPÍTULO IX – Revoluções do globo

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Revoluções gerais ou parciais	A Gênese	03
Períodos geológicos e extinções em massa	DM Estudos Espíritas	04
II – Idade das montanhas	A Gênese	05
Idade das montanhas	DM Estudos Espíritas	06
III – Dilúvio bíblico	A Gênese	07
Dilúvio Bíblico	Portal do Espírito	08
IV – Revoluções periódicas	A Gênese	10
A Gênese (59)	O Consolador	12
V – Cataclismos futuros	A Gênese	15
Cataclismos futuros	Portal do Espírito	16
VI – Aumento ou diminuição do volume da Terra	A Gênese	17
Aumento ou diminuição do volume da Terra	Revista Espírita 09 / 1868	19

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

Parte I – A Gênese segundo o Espiritismo

Capítulo IX – Revoluções do globo

I – REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, em consequência das suas transformações. Mas, com exceção do período diluviano, que se caracterizou por uma subversão repentina, todos os, demais transcorreram lentamente, sem transições bruscas. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições definitivas, as mutações houve, de ser gerais. Uma vez consolidada a base, só se devem ter produzido modificações parciais, na superfície.

2. Além das revoluções gerais, a Terra experimentou grande número de perturbações locais, que mudaram o aspecto de certas regiões. Como no tocante às outras duas causas contribuíram para essas perturbações: o fogo e a água.

O fogo atuou produzindo: ou erupções vulcânicas que sepultaram, sob espessas camadas de cinzas e lavas, os terrenos circunjacentes, fazendo desaparecer cidades com seus habitantes; ou terremotos; ou levantamentos da crosta sólida, que impeliam as águas para as regiões mais baixas; ou o afundamento, em maior ou menor extensão, dessa mesma crosta, nalguns lugares, para onde as águas se precipitaram, deixando em, seco, outros lugares. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto que outras desapareceram; que porções de continentes se separaram e formaram ilhas; que braços de mar, secados, ligaram ilhas e continentes.

Quanto à água, essa atuou, produzindo: ou a irrupção ou a retirada do mar nalgumas costas; ou desmoronamentos que, interceptando as correntes líquidas, formaram lagos; ou transbordamentos e inundações; ou, enfim, aterros nas embocaduras dos rios. Esses aterros, rechaçando o mar, criaram novos territórios. Tal a origem do delta do Nilo, ou Baixo Egito; do delta do Ródano, ou Camarga.

Períodos geológicos e extinções em massa

Os cientistas estimam que a Terra tenha aproximadamente 4 bilhões de anos, mas, durante esse período ela passou por diferentes transformações que foram enquadradas em diferentes eras geológicas, que correspondem a grandes intervalos de tempo divididos em períodos.

A mudança de uma era geológica para outra foi estabelecida por meio de alterações significativas na crosta terrestre, sendo, portanto, classificadas em cinco eras distintas: Arqueozoica, Proterozoica, Paleozoica, Mesozoica e Cenozoica.

Durante quase todos esses períodos ocorreram extinção em massa, ou seja, um decréscimo bruto da biodiversidade através da extinção de vários grupos ao mesmo tempo.

Apesar de ser um fenômeno comum (se considerarmos a longa escala do tempo geológico), diversos eventos de extinção massiva foram particularmente violentos, acabando com mais da metade das formas de vida.

Estes episódios costumam estar associados à formação ou divisão de supercontinentes.

As causas para as extinções em massa variam, mas existem evidências que eles não sejam, resultado de apenas um fato, mas assim, de uma combinação de fenômenos.

Entre os acontecimentos mais frequentes estão os impactos de asteroides, as erupções vulcânicas de basaltos continentais, alterações climáticas e explosões de estrelas que lancem radiação nociva para a Terra, entre outros.

II – IDADE DAS MONTANHAS

3. Examinando-se os terrenos dilacerados pelo erguimento das montanhas e das camadas que lhes formam os contrafortes, possível se torna determinar-lhes a idade geológica. Por idade geológica das montanhas, não se deve entender o número de anos que elas contam de existência, mas o período em que se formaram e, portanto, a relativa ancianidade que apresentam. Fora errôneo acreditar-se que semelhante ancianidade corresponde à elevação que lhes é própria, ou à natureza exclusivamente granítica que revelem, uma vez que a massa de granito, ao dar-se o seu levantamento, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas. Comprovou-se assim, por meio da observação, que as montanhas dos Vosges, da Bretanha e da Côte-d'Or, na França, que não são muito elevadas, pertencem às mais antigas formações. Datam do período de transição, senão anteriores aos depósitos de hulha. O Jura se formou no meado do período secundário; é contemporâneo dos reptis gigantes. Os Pirineus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, porquanto só se formaram pelos fins desse mesmo período. Algumas montanhas da Ásia são mesmo, posteriores ao período diluviano, ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos hão de ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, pela interrupção e mudança do curso dos rios.(1)

(1) O século passado registrou notável exemplo de um fenômeno desse gênero. A seis dias de marcha da cidade de México, existia, em 1750, uma região fértil e bem cultivada, onde davam em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho, pavorosos tremores de terra abalaram o solo, renovando-se continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, violenta convulsão se produziu; um território de muitas léguas de extensão entrou a erguer-se pouco a pouco e acabou por alcançar a altitude de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava, como as vagas do mar ao sopro da tempestade, milhares de montículos se elevavam e afundavam alternativamente; afinal, abriu-se um abismo de perto de 3 léguas, donde eram lançados à prodigiosa altura fumo, fogo, pedras esbraseadas e cinzas. Seis montanhas surgiram desse abismo hiante, entre as quais o vulcão a que foi dado o nome de Jorullo, que agora se eleva a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que principiaram os abalos do solo, os dois rios Cuitimba e San Pedro, refluindo, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo Jorullo; no terreno, porém, que sem cessar se elevava, outro sorvedouro se abriu e os absorveu. Os dois reapareceram mais tarde, a oeste, num ponto muito afastado de seus antigos leitos. (Luiz Figuier, A Terra antes do dilúvio, pág. 370.)

Idade das montanhas

Montanha é uma forma de relevo que se caracteriza pela elevada altitude.

Existem algumas formas de definir o que é uma montanha e classificá-la.

Idade geológica – não podemos levar em conta o número de anos de sua existência, mas o período de sua formação – isto é a sua relativa ancianidade.

Com base nas classificações mais aceitas no meio científico, convencionou-se afirmar que no Brasil não existem montanhas.

Quando as montanhas estão em um conjunto extenso, são chamadas de cordilheiras ou de cadeias de montanhas.

Montanhas jovens

As montanhas de vales profundos, picos pontiagudos e elevadas altitudes possuem origem geológica recente.

Formam cadeias de montanhas que se estendem por centenas de quilômetros.

Exemplos desse tipo de montanha são os Andes, Himalaia e Alpes.

Montanhas antigas

Também conhecidas como maciços antigos, as montanhas mais velhas são constituídas por rochas magmáticas e metamórficas e já passaram por intenso processo de intemperismo e erosão.

Exemplos desse tipo de montanha são os Alpes Escandinavos, os Montes Apalaches e os Montes Urais.

Ao contrário das montanhas jovens, os maciços antigos apresentam cumes arredondados e áreas rebaixadas em razão do desgaste a que foram submetidos durante milhões e milhões de anos.

III - DILÚVIO BÍBLICO

4. O dilúvio bíblico, também conhecido pela denominação de “grande dilúvio asiático”, é fato cuja realidade não se pode contestar. Deve tê-lo ocasionado o levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como o do México. Corrobora esta opinião a existência de um mar interior, que ia outrora do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora nenhuma comunicação tenham com nenhum outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as estepes da Rússia parecem restos daquele antigo mar. Por ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, parte daquelas águas foi recalçada para o norte, na direção do oceano Boreal; outra parte, para o sul, em direção ao oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região em que habitaram os antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, é atualmente ponto averiguado que ele foi apenas local; que não pode ter sido causado pela chuva, pois, por muito copiosa que esta fosse e ainda que se prolongasse por quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade d’água caída das nuvens não podia bastar para cobrir toda a terra, até acima das mais altas montanhas.

Para os homens de então, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que nenhuma idéia tinham da sua configuração, desde que a inundação invadiu os países conhecidos, invadida fora, para eles, a Terra inteira. Se a essa crença aditarmos a forma imaginosa e hiperbólica da descrição, forma peculiar ao estilo oriental, já não nos surpreenderá o exagero da narração bíblica.

5. O dilúvio asiático foi evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram em suas teogonias. (1)

É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do atual período geológico. Quando se fala de homens e de animais antediluvianos, a referência é àquele primeiro cataclismo.

(1) A lenda indiana sobre o dilúvio refere, segundo o livro dos Vedas, que Brama, transformado em peixe, se dirigiu ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe disse: “Chegou o momento da dissolução do Universo; em breve estará destruído tudo o que existe na Terra. Tens que construir um navio em que embarcarás, depois de teres embarcado sementes de todos os vegetais. Esperar-me-ás nesse navio e, eu virei ter contigo, trazendo à cabeça um chifre pelo qual me reconhecerás.” O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou nele e o atou por um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi rebocado durante muitos anos com extrema rapidez, por entre as trevas de uma tremenda tempestade, abordando, afinal, ao cume do monte Himawat (Himalaia). Brama ordenou em seguida a Vaivaswata que criasse todos os seres e com eles povoasse a Terra. É flagrante a analogia desta lenda com a narrativa bíblica de Noé. Da Índia ela passara ao Egito, como uma multidão de outras crenças. Ora, sendo o livro dos Vedas anteriores ao de Moisés, a narração que naquele se encontra, do dilúvio, não pode ser uma cópia da deste último. O que é provável é que Moisés, que aprendera as doutrinas dos sacerdotes egípcios, haja tomado a estes a sua descrição.

Dilúvio Bíblico

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias, e fixa-lhe a época em torno de 4 mil anos antes da era cristã. Antes disso, a Terra não existia, ela foi tirada do nada: o texto é formal; e eis que a ciência positiva, inexorável, vem provar o contrário.

A formação do globo está escrita em caracteres imprescritíveis do mundo fóssil, e está provado que os seis dias da criação são igualmente de períodos cada um, talvez, de várias centenas de milhares de anos.

Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada, é um fato tão constante quanto o movimento da Terra, e que a teologia não pode se recusar em admitir; também não mais senão nas pequenas escolas que se ensina que o mundo foi feito em seis vezes vinte e quatro horas, prova evidente do erro no qual se pode cair tomando ao pé da letra as expressões de uma linguagem, frequentemente, figurada.

A autoridade da Bíblia recebeu um insulto aos olhos dos teólogos? De nenhum modo, eles se renderam à evidência, e disto concluíram que o texto podia receber uma interpretação”.

“A ciência, folheando os arquivos da Terra, reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram na superfície; a observação não deixa nenhuma dúvida sobre as espécies orgânicas que pertencem a cada período, e essa ordem está de acordo com aquela que está indicada no Gênese, com a diferença de que esta obra, em lugar de ter saído miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, cumpriu-se, sempre por sua vontade, mas segundo a lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos.

Deus, por isso, é menos grande e menos poderoso? Sua obra é menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente não; seria necessário fazer-se da Divindade uma idéia bem mesquinha por não reconhecer sua onipotência nas leis eternas que ela estabeleceu para reger os mundos”.

“A ciência, do mesmo modo que Moisés, coloca o homem em último na ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano de 1654 do mundo, ao passo que a geologia nos mostra esse grande cataclismo anterior à aparição do homem, tendo em vista que, até este dia, não se encontrou nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem dos animais da mesma categoria no ponto de vista físico; mas nada prova que isto seja impossível; várias descobertas já lançaram dúvidas a esse respeito; portanto, pode ser que, de um momento para outro, adquira-se a certeza dessa anterioridade da raça humana.

Resta a ver se o cataclismo geológico, cujos traços estão por toda a Terra, é o mesmo do dilúvio de Noé; ora, a lei da duração da formação das camadas fósseis não permite confundi-las, a primeira remontando talvez a cem mil anos.

Do momento em que forem encontrados os traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado, ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos.

Contra a evidência não há raciocínios possíveis; os teólogos deverão, pois, aceitar este fato como aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da criação”.

“A existência do homem antes do dilúvio geológico, é verdade, é ainda hipotética, mais eis o que o é menos. Admitindo que o homem apareceu pela primeira vez na Terra quatro mil anos antes de Cristo, se 1650 mais tarde toda a raça humana foi destruída com exceção de um único, disso resulta que o povoamento da Terra não data senão de Noé, quer dizer, de 2350 anos antes de nossa era.

Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram este país muito povoado e já muito avançado em civilização”.

“A história prova que, nessa época, as Índias e outros países estavam igualmente florescentes. Seria necessário, pois, que do décimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, no espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem pôde povoar todos os imensos continentes então conhecidos, supondo que os outros não o fossem, mas que, nesse curto

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

intervalo, a espécie humana pôde se elevar da ignorância absoluta, do estado primitivo, ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se a anterioridade do homem, o dilúvio de Noé com a catástrofe parcial confundida com o cataclismo geológico, e Adão, que viveu há 6.000 anos, como tendo povoado um continente ainda inabitável.

Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos; por isso cremos prudente não se inscrever muito levemente em falso contra doutrinas que podem, cedo ou tarde, como tantas outras, por, em erro aqueles que as combatem.

As idéias religiosas, longe de perderem, se engrandecem caminhando como a ciência; é o meio de não dar ensejo ao ceticismo em demonstrando um lado vulnerável”.

“Que teria acontecido à religião se ela se obstinasse contra a evidência, e se persistisse em cunhar de anátema quem não aceitasse a letra das Escrituras, disso resultaria que não poderia ser católico sem crer no movimento do sol, nos seis dias, nos 6.000 anos da existência da Terra; contai, pois, o que restaria hoje de católicos.

Proscreevi também aquele que não se prende à letra, à alegoria da árvore e de seu fruto, da costela de Adão, da serpente, etc? A religião será sempre forte quando ela marchar de acordo com a ciência, porque ela reunirá a parte esclarecida da população; é o único meio de dar um desmentido ao preconceito que a faz considerar, pelas pessoas superficiais, como a antagonista do progresso.

Se jamais, e isso a Deus não praza, ela repelisse as evidências dos fatos, hostilizaria os homens sérios, e provocaria o cisma, porque nada poderia prevalecer contra a evidência.

Também a alta teologia, que conta com homens eminentes por seu saber, admite, sobre muitos pontos controversos, uma interpretação conforme a sã razão.

Somente é deplorável que ela reserve suas interpretações para os privilegiados, e continue a fazer ensinar a letra nas escolas; resulta disso que esta letra, primeiro aceita pelas crianças é mais tarde rejeitada por elas quando chega a idade de raciocínio; nada tendo por compensação, rejeitam tudo e aumenta o número dos incrédulos absolutos.

Não dai, ao contrário, à criança senão aquilo que sua razão possa admitir mais tarde, e sua razão, em se desenvolvendo, a fortalecerá nos princípios que lhe inculcaram.

Assim falando, cremos servir aos verdadeiros interesses da religião; ela será sempre respeitada quando mostrada onde realmente está, e quando não fará consistir nas alegorias das quais o bom senso não pode admitir a realidade”.

Em “A Gênese”, capítulo XI, item 10, diz Kardec:

“Devendo a matéria ser objeto de trabalho do Espírito, para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que pudesse atuar sobre ela, por isso veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta.

Devendo ser a matéria, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento de trabalho, **Deus, em lugar de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados**; flexíveis, capazes de receber todos os impulsos de sua vontade, e de se prestar a todos os seus movimentos”.

Com isso deixamos claro o ponto de vista de Kardec. Mas como não impomos nada a ninguém, podemos encontrar em nosso meio pessoas que podem pensar de maneira diferente, o que é um direito de cada um de nós.

E sendo assim, isso está longe de significar que todos os Espíritas comunguem com esse pensamento ou que o próprio Espiritismo assine embaixo.

IV - REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6. Além do seu movimento anual em torno do Sol, origem das estações, do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas, origem do dia e da noite, tem a Terra um terceiro movimento que se completa em cerca de 25.000 anos, ou, mais exatamente, em 25.868 anos, e que produz o fenômeno denominado, em astronomia, precessão dos equinócios (cap. V, nº 11). Este movimento, que não se pode explicar em poucas palavras, sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste numa espécie de oscilação circular, que se há comparado à de um pião a morrer, e por virtude da qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo vértice está no centro do planeta, abrangendo as bases desses cones a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 e 1/2 graus de raio.

7. O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, a 21 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal, e a 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Mas, em consequência da gradual mudança na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se deu o nome de precessão dos equinócios (do latim *procedere*, caminhar para diante, composto de *proe*, adiante e *cedere*, ir-se).

Com o tempo, esses poucos minutos fazem, horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera, que agora se verifica no mês de março, em dado tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro. Então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará ao cabo de 25.868 anos, para recomeçar indefinidamente a mesma revolução.(1)

(1) A precessão dos equinócios ocasiona outra mudança: a que se opera na posição dos signos do zodíaco. Girando a Terra ao redor do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol, cada mês, se encontra diante de uma constelação. Estas são em número de doze, a saber: o Carneiro, o Touro, os Gêmeos, o Câncer, o Leão, a Virgem, a Balança, o Escorpião, o Sagitário, o Capricórnio, o Aquário, os Peixes. São chamadas constelações zodiacais, ou signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo dizia-se que ele nascera sob tal ou tal signo; daí os prognósticos da Astrologia. Mas, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações. Um que nasça no mês de julho já não está no signo do Leão, porém no do Câncer. Cai assim a idéia supersticiosa da influência dos signos. (Cap. V, nº 12.)

8. Desse movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre estrela polar; que os polos gradualmente se inclinam mais ou menos para o Sol e recebem dele raios mais ou menos diretos, donde se segue que a Islândia e a Lapônia, por exemplo, localizadas sob o círculo polar, poderão, em dado tempo, receber raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição do extremo oposto, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25.000 anos. (2)

(2) O deslocamento gradual das linhas isotérmicas, fenômeno que a Ciência reconhece de modo tão positivo como o do deslocamento do mar, é um fato material que apoia esta teoria.

9. Ainda não puderam ser determinadas com precisão as consequências deste movimento, porque somente se há podido observar uma pequena parte da sua revolução. A respeito, pois, não há mais do que presunções, algumas das quais com caráter de probabilidade.

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

Essas consequências são:

1ª O aquecimento e o resfriamento, alternativos dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25.000 anos e a nova formação deles durante a outra metade desse período. Resultaria daí não estarem os polos condenados a uma perpétua esterilidade, cabendo-lhes gozar a seu turno dos benefícios da fertilidade.

2ª O deslocamento gradativo do mar, fazendo-o invadir pouco a pouco umas terras e pôr a descoberto, outras, para de novo as abandonar, voltando ao seu leito anterior. Esse movimento periódico, indefinidamente renovado, constituiria uma verdadeira maré universal de 25.000 anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração. Faz-se, porém, sensível ao cabo de alguns séculos. Nenhum cataclismo súbito pode ele causar, porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e avançam pelas terras donde o mar se retira. É a essa causa, mais que provável, que alguns sábios atribuem o afastamento do mar de certas costas e a invasão de outras por ele.

10. O deslocamento demorado, gradual e periódico do mar é fato que a experiência comprova e numerosos exemplos confirmam, em todos os pontos do globo. Tem por efeito o entretenimento das forças produtivas da Terra. A longa imersão é para os terrenos um tempo de repouso, durante o qual eles recuperam os princípios vitais esgotados por uma não menos longa produção. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubações naturais, periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem de tais mudanças (1)

(1) Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podem citar-se estes: No golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da água trechos de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de Noviomagus, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que se achava então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, sobre a costa do Havre, as águas dia a dia ganham terreno e minam as penedias de Sainte-Adresse, que pouco a pouco desmoronam. A dois quilômetros da costa entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe um banco que outrora se achava à vista e ligado à terra firme. Antigos documentos atestam que nesse lugar, por sobre o qual hoje se navega, existia a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido, no décimo quarto século, o terreno, a igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com bom tempo, se lhe veem os restos no fundo do mar. Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido a poder de diques, que de tempos a tempos se rompem. O antigo lago de Flevo, que se reuniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de Zuyderzée. Essa irrupção do oceano trouxe muitas povoações. Segundo isto, o território de Paris e da França toda seria de novo ocupado pelo mar, como já o foi muitas vezes, conforme o demonstram as observações geológicas. Então, as partes montanhosas formarão ilhas, como o são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente. Navegar-se-á por sobre regiões que atualmente se percorrem de caminho de ferro; os navios aportarão a Montmartre, ao monte Valeriano, aos outeiros de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e florestas, agora lugares de passeio, ficarão sepultados nas águas, cobertos de limo e povoados de peixes, que substituirão as aves. O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois que foi repentina a invasão das águas e de curta duração a permanência delas, ao passo que, de outro modo, essa permanência houvera sido de muitos milhares de anos e ainda duraria, sem que os homens dessem por isso.

A Gênese (59)

1155. Se a Terra já não tem que temer os cataclismos gerais, nem por isso deixa de estar sujeita a periódicas revoluções, cujas causas, do ponto de vista científico, se encontram explicadas nas instruções seguintes, assinadas por dois Espíritos eminentes (1):

“Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações etc., experimenta revoluções que demandam milhares de séculos para sua realização completa, porém que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o de nascimento até o de um máximo de efeito, após o qual há decrescimento, até o limite, extremo, para recomeçar em seguida o percurso das mesmas fases.”

“O homem apenas apreende as fases de duração relativamente curta e cuja periodicidade ele pode comprovar. Algumas, no entanto, há que abrangem longas gerações de seres e, até, sucessões de raças, revoluções essas cujos efeitos, conseqüentemente, se lhe apresentam com caráter de novidade e de espontaneidade, ao passo que, se seu olhar pudesse projetar-se para trás alguns milhares de séculos, veria, entre aqueles mesmos efeitos e suas causas, uma correlação de que nem sequer suspeita. Esses períodos que, pela sua extensão relativa, confundem a imaginação dos humanos, não são, contudo, mais do que instantes na duração eterna.”

“Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que o constituem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas são nele solidárias e nem um só há, dos efeitos que designais pelo nome de grandes perturbações, que não seja consequência da componente das influências de todo o sistema. Vou mais longe: digo que os sistemas planetários reagem uns sobre os outros, na razão da proximidade ou do afastamento, resultantes do movimento de translação deles, através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Ainda vou mais longe: digo que a nossa nebulosa, que é um como arquipélago na imensidade, tendo também seu movimento de translação através das miríades de nebulosas, sofre a influência das de que ela se aproxima. De sorte que as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros e assim sucessivamente até ao átomo. Daí, em cada mundo, revoluções locais ou gerais, que se não parecem perturbações porque a brevidade da vida não permite se lhes percebam mais do que os efeitos parciais.”

“A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, pois, alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas enfermidades que atacam de modo geral as plantas, os animais e os homens, enfermidades que, como todos os flagelos, são, para a inteligência humana, um estimulante que a impele, por força da necessidade, a procurar meios de os combater e a descobrir leis da Natureza. Mas a matéria orgânica, a seu turno, reage sobre o Espírito. Este, pelo seu contacto e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que lhe modificam as disposições, sem, no entanto, privá-lo do livre-arbítrio, que lhe sobre-excitam ou atenuam a atividade e que, pois, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é coisa fortuita, nem resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, inconsciente a princípio, não passando de vago desejo, de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, de certa necessidade de mudança, traduz-se por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, que, acreditai-o, também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia. Se não tivésseis a

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

visão espiritual limitada pelo véu da matéria, veríeis as correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual às do mundo material.”

«Quando se vos diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, nada de místico vejais nessas palavras; vede, ao contrário, a execução de uma, das grandes leis fatais do Universo, contra as quais se quebra toda a má vontade humana. ARAGO.»

1156. Eis a segunda mensagem:

“A Humanidade terrestre, tendo chegado a um desses períodos de crescimento, está em cheio, há quase um século, no trabalho da sua transformação, pelo que a vemos agitar-se de todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que impelida por invisível força. Assim continuará, até que se haja outra vez estabilizado em novas bases. Quem a observar, então, acha-la-á muito mudada em seus costumes, em seu caráter, nas suas leis, em suas crenças, numa palavra: em todo o seu estado social.”

“Uma coisa que vos parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, mundo que vos rodeia, experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Nada tem isto de surpreendente, para quem sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, portanto, certos de que, quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões, boas e más, se exacerbam, como entre vós. Indizível efervescência entra a reinar na coletividade dos Espíritos que ainda pertencem ao vosso mundo e que aguardam o momento de a ele volver.”

“À agitação dos encarnados e desencarnados se juntam às vezes, e frequentemente mesmo, já que tudo se conjuga em a Natureza, as perturbações dos elementos físicos. Dá-se então, durante algum tempo, verdadeira confusão geral, mas que passa como furacão, após o qual o céu volta a estar sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas ideias, começa a percorrer nova etapa de progresso.”

“É no período que ora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos. Trabalhai, portanto, mais para o futuro, do que para o presente. Era, porém, necessário que esses trabalhos se preparassem antecipadamente, porque eles traçam as sendas da regeneração, pela unificação e racionalidade das crenças. Ditosos os que deles aproveitam desde já. Tantas penas se pouparão esses, quantos forem os proveitos que deles auferirem. Doutor BARRY.”

1157. Do que precede resulta que, em consequência do movimento de translação que executam no espaço, os corpos celestes exercem, uns sobre os outros, maior ou menor influência, conforme a proximidade em que se achem entre si e as suas respectivas posições; que essa influência pode acarretar uma perturbação momentânea nos seus elementos constitutivos e modificar as condições de vitalidade dos seus habitantes; que a regularidade dos movimentos determina a volta periódica das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que, se demasiado curta é a duração de certos períodos para que os homens os apreciem, outros veem passar gerações e raças que deles não se apercebem e às quais se afigura normal o estado de coisas que observam. Ao contrário, as gerações contemporâneas da transição lhe sofrem o contrachoque e tudo lhes parece fora das leis ordinárias. Essas gerações veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa no que, em realidade, mais não é do que a execução das leis da Natureza.

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

1158. Se, pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovação moral da Humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo, podem os referidos períodos ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais, insólitos para os que com eles não se acham familiarizados, de meteoros que parecem estranhos, de recrudescência e intensificação desusadas dos flagelos destruidores, que não são nem causa, nem presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral.

1159. Anunciando a época de renovação que se havia de abrir para a Humanidade e determinar o fim do velho mundo, a Jesus, pois, foi lícito dizer que ela se assinalaria por fenômenos extraordinários, tremores de terra, flagelos diversos, sinais no céu, que mais não são do que meteoros, sem ab-rogação das leis naturais. O vulgo, porém, ignorante, viu nessas palavras a predição de fatos miraculosos.

1160. A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada apresenta de surpreendente, quando feita por seres desmaterializados, que veem o fim a que tendem todas as coisas, tendo alguns deles conhecimento direto do pensamento de Deus. Pelos movimentos parciais, esses seres veem em que época poderá operar-se um movimento geral, do mesmo modo que o homem pode calcular de antemão o tempo que uma árvore levará para dar frutos, do mesmo modo que os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico, pelo tempo que um astro gasta para efetuar a sua revolução.

1161. A Humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais por que passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhe-se a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e ver-se-á a vida das diversas etnias, marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia especial.

1162. De duas maneiras se opera, como já o dissemos, a marcha progressiva da Humanidade: uma, gradual, lenta, imperceptível, se se considerarem as épocas consecutivas, a traduzir-se por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, melhoras que só com a continuação se podem perceber, como as mudanças que as correntes d' água ocasionam na superfície do globo; a outra, por movimentos relativamente bruscos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, transpõe nalguns anos o espaço que levaria séculos a percorrer.

1163. É, então, um cataclismo moral que traga em breves instantes as instituições do passado e ao qual sobrevém uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se estabiliza, à medida que se restabelece a calma, e que acaba por se tornar definitiva.

(1) Extrato de duas comunicações dadas na Sociedade de Paris e publicadas na Revue Spirite de outubro de 1868, pág. 313.

São corolários das de Galileu, reproduzidas no capítulo VI, e complementares do capítulo IX, sobre as revoluções do globo.

V - CATACLISMOS FUTUROS

11. As grandes comoções telúricas se têm produzido nas épocas em que a crosta sólida da Terra, pela sua fraca espessura, quase nenhuma resistência oferecia à efervescência das matérias em ignição no seu interior. Tais comoções foram diminuindo, à proporção que aquela crosta se consolidava. Numerosos vulcões já se acham extintos, outros os terrenos de formação posterior soterraram.

Ainda, certamente, poderão produzir-se perturbações locais, por efeito de erupções vulcânicas, da eclosão de alguns vulcões novos, de inundações repentinas de algumas regiões; poderão do mar surgir ilhas e outras ser por ele tragadas; mas, passou o tempo dos cataclismos gerais, como os que assinalaram os grandes períodos geológicos. A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, a menos que intervenham causas desconhecidas, a ela estranhas e que de modo nenhum se possam prever.

12. Quanto aos cometas, estamos hoje perfeitamente tranquilizados com relação à influência que exercem, mais salutar do que nociva, por parecerem eles destinados a reabastecer os mundos, se assim nos podemos exprimir, trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam em sua corrida pelo espaço e com o se aproximarem dos sóis. Assim, pois, seriam antes fontes de prosperidades, do que mensageiros de desgraças. A natureza fluídica, já bem comprovada (cap. VI, nos 28 e seguintes), que lhes é própria afasta todo receio de choques violentos, porquanto, se um deles encontrasse a Terra, esta, o atravessaria, como se passasse através de um nevoeiro.

Ainda menos de temer é a cauda que arrastam, visto que essa mais não é do que a reflexão da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, tanto assim que se mostra constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, mudando de direção conformemente à posição deste astro. Essa matéria gasosa também poderia, em virtude da rapidez com que eles caminham, constituir uma espécie de cabeleira, semelhante à esteira deixada por um navio em marcha, ou à fumaça de uma locomotiva. Aliás, muitos cometas já se têm aproximado da Terra, sem lhe causarem qualquer dano. Em virtude das suas respectivas densidades, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a dele sobre ela. Somente uns restos de velhos preconceitos podem fazer que a presença de um cometa inspire terror. (1)

13. Deve-se igualmente lançar ao rol das hipóteses quiméricas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta. A regularidade e a invariabilidade das leis que presidem aos movimentos dos corpos celestes tornam carente de toda probabilidade semelhante encontro.

A Terra, no entanto, terá um fim. Como? Isso ainda, permanece no domínio das conjeturas; mas, visto estar ela ainda longe da perfeição que pode alcançar e da vetustez que lhe indicaria o declínio, seus habitantes atuais pedem estar certos de que tal não se dará ao tempo deles. (Cap. VI, nos 48 e seguintes.)

14. Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se efetua pelo regular retorno dos mesmos fenômenos físicos e pelo concurso inteligente do homem. Está, porém, ainda, em pleno trabalho de gestação do progresso moral. Aí residirá a causa das suas maiores comoções. Até que a Humanidade se haja avantajado suficientemente em perfeição, pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela Natureza, isto é, serão antes morais e sociais do que físicas.

(1) O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra num ponto do qual esta se achava a uma distância de apenas 20 horas. A Terra esteve, portanto, mergulhada na atmosfera dele, sem que daí resultasse nenhum acidente.

Cataclismos futuros

Alcançada já a solidificação da crosta e extintos a maioria dos vulcões, não é de se esperar a ocorrência das grandes comoções telúricas.

Erupções vulcânicas ainda ocorrem, causando perturbações locais, como inundações das áreas próximas

A natureza fluídica dos cometas afasta qualquer receio de choque contra a Terra, pois, se ocorresse, a atravessaria sem causar dano.

Por outro lado a “regularidade e a invariabilidade das leis que presidem aos movimentos dos corpos celestes” afasta qualquer hipótese de choque entre planetas.

A terra terá logicamente um fim. Entretanto, atualmente acabou de sair da infância, entrado em um período de progresso pacífico com fenômenos regulares e com o concurso do homem.

“Está, porém, ainda, em pleno trabalho de gestação do progresso moral.

Aí, residirá a causa das suas maiores comoções.

Até que a Humanidade se haja avantajado suficientemente em perfeição, pela inteligência e pela observância das leis divinas – as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela Natureza, isto é, serão antes morais e sociais do que físicas.

VI – AUMENTO OU DIMINUIÇÃO DO VOLUME DA TERRA

15. O volume da Terra aumenta, diminui, ou permanece estacionário?

Alguns, para sustentar que o volume da Terra aumenta, se fundam em que as plantas dão ao solo mais do que dele tiram, o que, se num sentido é exato, noutro não o é.

As plantas se nutrem tanto, e até mais, das substâncias gasosas que haurem na atmosfera, quanto das que sugam pelas raízes.

Ora, a atmosfera faz parte integrante do globo; os gases que a constituem provêm da decomposição dos corpos sólidos e estes, recompondo-se, retomam o que lhe haviam dado.

É uma troca, ou, antes, uma perpétua transformação, de tal sorte que, operando-se o crescimento deles com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, os despojos dos vegetais e dos animais, por muito consideráveis que sejam, não lhe aumentam de um átomo a massa.

Se, por essa causa, a parte sólida do globo aumentasse de modo permanente, isso se daria à custa da atmosfera, que diminuiria de outro tanto e acabaria por se tornar imprópria à vida, se não recuperasse, pela decomposição dos corpos sólidos, o que perde pela composição deles.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram das matérias sólidas momentaneamente volatilizadas, por efeito da alta temperatura, e que, condensadas mais tarde pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente, elas elevaram um pouco a superfície do solo, mas sem acrescentarem coisa alguma à massa total, pois que ali apenas havia um deslocamento de matéria.

Quando, expurgada dos elementos que continha em suspensão, a atmosfera se encontrou no estado normal, as coisas tomaram o curso regular em que depois seguiram. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera acarretaria, forçosamente, a destruição dos atuais habitantes da Terra; mas, também é provável que novas raças se formassem noutras condições.

Considerada desse ponto de vista, a massa do globo, isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma, desde a sua origem.

Se o globo experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração. Portanto, se a Terra aumentasse de massa, o fato seria efeito de uma causa estranha, pois que ela não poderia tirar de si mesma os elementos necessários ao seu aumento.

Há uma opinião segundo a qual o globo aumentaria de massa e de volume pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária. Esta idéia nada tem de irracional, mas é por demais hipotética para ser admitida em princípio.

Não passa de um sistema combatido por sistemas contrários, sobre os quais a Ciência ainda nada estabeleceu. Eis aqui, a tal respeito, a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos uranográficos insertos acima, no capítulo VI:

“Os mundos se esgotam pelo envelhecimento e tendem a dissolver-se para servir de elementos de formação a outros universos. Restituem pouco a pouco ao fluido cósmico universal do espaço o que dele tiraram para formar-se.

Além disso, todos os corpos se gastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico dá em resultado diminuir-se-lhe constantemente a massa, se bem que de quantidade inapreciável em determinado tempo. (1)

(1) No seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Sendo de 9.000 léguas a sua circunferência, em seu movimento de rotação ao redor do seu eixo, cada ponto do equador percorre 9.000 léguas em 24 horas, ou 6,3 léguas por minuto.

“A existência dos mundos pode, a meu ver, dividir-se em três períodos. — Primeiro período: condensação da matéria, período esse em que o volume do globo diminui consideravelmente, conservando-se a mesma a massa.

É o período da infância. — Segundo período: contração, solidificação da crosta; eclosão dos germens, desenvolvimento da vida até a aparição do tipo mais aperfeiçoado. Nesse momento, o

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

globo está em toda a sua plenitude, é a época da virilidade; ele perde, mas muito pouco, os seus elementos constitutivos.

À medida que seus habitantes progridem espiritualmente, passa ele ao período de decrescimento material; sofre perdas, não só em consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, corroída pelo tempo, acaba reduzida a poeira.

Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele entrega ao espaço parcelas fluidificadas da sua substância, até ao momento em que se completa a sua dissolução.

“Mas, então, como o poder de atração está na razão direta da massa, não digo do volume, diminuída a massa do globo, modificam-se as suas condições de equilíbrio no espaço.

Dominado por planetas mais poderosos, aos quais ele não pode fazer contrapeso, resultam daí desvios nos seus movimentos e, portanto, também profundas mudanças nas condições da vida em sua superfície.

Assim, nascimento, vida e morte; ou infância, virilidade, decrepitude são as três fases por que passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Indestrutível, só o Espírito, que não é matéria.”

(Galileu, Sociedade de Paris, 1868.)

Aumento e diminuição do volume da Terra

Nosso correspondente de Sens, cuja observação sobre o partido espírita publicamos em nosso número precedente, em sua carta juntou uma outra, sobre o aumento do volume da Terra, e que a abundância de matérias nos obrigou a adiar.

“Peço-vos ainda, senhor, permissão para vos submeter uma reflexão que me veio, lendo vossa última obra sobre A Gênese.

Na página 161 há isto: “Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem a menos do que hoje.

’Entretanto, os Espíritos disseram que não há duas leis diferentes para a formação dos corpos principais e dos corpos secundários; e, depois, li em algum lugar que as plantas restituem à terra mais do que dela recebem.

Não sei se isto está bem constatado e cientificamente demonstrado, mas, segundo este e outros dados, sem falar dos aerólitos, que hoje são um fato incontestado, não poderia acontecer que um dia se descobrisse que o nosso globo adquire ainda maior volume, o que contradiria essa asserção?”

É bem verdade que as plantas restituem ao solo mais do que dele tiram; mas o globo não se compõe apenas da parte sólida; a atmosfera dele faz parte integrante.

Ora, está provado que as plantas se nutrem tanto, e mesmo mais, dos fluidos aeriformes tirados da atmosfera, quanto dos elementos sólidos absorvidos pelas raízes.

Tendo em vista a quantidade de plantas que viveram na Terra desde a sua origem, sem falar dos animais, os fluidos atmosféricos de longa data estariam esgotados, se não se alimentassem numa fonte permanente.

Esta fonte está na decomposição das matérias sólidas, orgânicas e inorgânicas, que liberam para a atmosfera o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e outros gases que dela haviam subtraído.

Há, pois, uma troca constante, uma transformação perpétua, que se realizam na superfície do globo. Dá-se aqui exatamente como a água, que se eleva em vapores e recai em chuva, e cuja quantidade é sempre a mesma.

O crescimento dos vegetais e dos animais, operando-se com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, seus restos, por mais consideráveis que sejam, não acrescentam um átomo à massa. Se a parte sólida do globo aumentasse por essa causa, de maneira permanente, seria à custa da atmosfera, que diminuiria outro tanto, e acabaria sendo imprópria à vida.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram de matérias sólidas, momentaneamente volatilizadas pelo efeito da alta temperatura, e que, mais tarde, condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente elas elevaram um pouco a superfície do solo, que, sem isto, se teria detido na camada granítica, mas sem nada acrescentar à massa total, visto que não passava de um deslocamento da matéria.

Quando a atmosfera, purgada dos elementos estranhos que mantinha em suspensão, encontrou-se em seu estado normal, as coisas seguiam o curso regular, que tiveram desde então. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera acarretaria forçosamente a destruição dos seres vivos atuais. Mas, então, provavelmente se formariam novas raças, em outras condições de vitalidade.

Considerada deste ponto de vista, a massa do globo, isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma desde a sua origem. Se experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração.

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

Se, pois, a Terra aumentasse de massa pela adjução de novas moléculas, seria por efeito de uma causa estranha, já que não poderá tirar de si mesma os elementos necessários ao seu incremento.

Algumas pessoas pensam que a queda de aerólitos pode ser uma causa de aumento do volume da Terra; outras, sem se preocuparem com as vias e os meios, fundam-se no princípio de que, desde que os animais e as plantas nascem, crescem e morrem, os corpos planetários devem estar submetidos à mesma lei.

Antes de mais, a origem dos aerólitos ainda é problemática; durante muito tempo pensou-se mesmo que podiam formar-se nas regiões superiores da atmosfera terrestre, pela condensação das matérias gaseificadas provenientes da própria Terra; mas, supondo que tenham uma fonte estranha ao nosso globo, que provenham de restos de planetas detonados, ou que se formem espontaneamente pela condensação da matéria cósmica interplanetária, caso em que poderiam ser considerados como abortos de planetas, sua queda acidental não poderia levar a um acréscimo sensível e, ainda, menos, regular, do nosso globo.

Por outro lado, a assimilação que se pretende fazer entre as plantas e os planetas, carece de justeza, porque seria fazer destes últimos seres orgânicos, o que não é admissível.

Segundo outra opinião, o globo pode aumentar pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária, que recolhe através de seu percurso no espaço, e que deposita incessantemente novas moléculas em sua superfície.

Esta doutrina nada tem de irracional, porquanto, neste caso, o crescimento se daria por adjução e superposição, como para todos os corpos orgânicos; mas, além de se poder perguntar onde pararia esse crescimento, ela é ainda muito hipotética para ser admitida como princípio.

Não passa de um sistema combatido por sistemas contrários, porque, segundo outros, a Terra, em vez de adquirir, consome, por efeito de seu movimento, isto é, abandona no espaço uma parte de suas moléculas e, assim, em vez de aumentar, ela diminui.

Entre estas duas teorias, a ciência positiva ainda não se pronunciou, e é provável que não o poderá tão cedo, por falta de meios materiais de observação. Nisto fica-se reduzido a formular raciocínios baseados nas leis conhecidas, o que pode dar probabilidades, mas ainda não dá certezas.

Eis, em resposta à questão proposta, a opinião motivada do eminente Espírito que ditou os sábios estudos uranográficos, referidos no capítulo VI de A Gênese.

(Sociedade de Paris, julho de 1868 – Médiun: Sr. Desliens)

“Os mundos se esgotam envelhecendo e tendem a dissolver-se para servir de elementos de formação de outros universos. Restituem, pouco a pouco, ao fluido cósmico universal do espaço o que dele haviam tirado para se formar.

Além disso, todos os corpos se desgastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir constantemente a sua massa, embora numa quantidade inapreciável, num dado tempo (1)

(1) Em seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Tendo a Terra 9.000 léguas de circunferência no equador, no movimento de rotação sobre o seu eixo, cada ponto do equador percorre, pois, 9.000 léguas em vinte e quatro horas, ou 6,3 léguas por minuto.

“Em minha opinião, a existência dos mundos pode dividir-se em três períodos: Primeiro período – Condensação da matéria, durante a qual o volume do globo diminui consideravelmente, mas a massa, continua a mesma. É o período da infância. – Segundo período – Contração, solidificação da crosta, eclosão dos germes, desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais perfectível: é a idade da virilidade; perde, mas muito pouco, seus elementos constitutivos.

À medida que seus habitantes progridem espiritualmente, ele passa ao período de diminuição material; perde, não só por causa do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, semelhante a uma pedra dura que, roída pelo tempo, acaba por se transformar em pó.

A Gênese – (Parte I – Capítulo IX)

Em seu duplo movimento de rotação e de translação, deixa no espaço parcelas fluidificadas de sua substância, até o momento em que a sua dissolução for completa.”

“Mas, então, como a força atrativa está na razão da massa – eu não digo do volume – diminuindo a massa, suas condições de equilíbrio no espaço se modificam; dominado por globos mais poderosos, aos quais não pode constituir contrapeso, produzem-se desvios em seus movimentos, em sua posição em relação ao Sol; sofre novas influências e daí nascem mudanças nas condições de existência dos seus habitantes, à espera que ele desapareça do cenário do mundo.”

“Assim, nascimento, vida e morte; infância, virilidade e decrepitude, tais são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Só o Espírito, que não é matéria, é indestrutível.”

Galileu

Em que se tornam os habitantes de um mundo destruído? Fazem o que fazem os habitantes de uma casa em demolição: vão se estabelecer alhures, em melhores condições.

Para eles os globos não passam de estações temporárias; mas é provável que quando um globo tiver chegado ao seu período de dissolução, há muito tempo tenha deixado de ser habitado, porque, então, já não pode fornecer os elementos necessários à manutenção da vida.

Tudo é problema insolúvel na Natureza, desde que se faça abstração do elemento espiritual; tudo se explica, ao contrário, claramente e logicamente, desde que se leve em conta este elemento.

É de notar que, conforme a ordem de idéias expressas na comunicação acima, o fim de um mundo coincidiria com a maior soma de progresso de seus habitantes, compatível com a natureza desse mundo, em vez de ser o sinal de uma reprovação que votaria a maior parte deles à danação eterna.